



A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO: NECESSÁRIA?

Luana Karolinne Martins de Araújo (01)
Maria Eliza Rocha Silva (02)
Maria da Conceição Costa (03)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. luanakaro@hotmail.com
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. mariaelizarn@hotmail.com
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. ceicaomcc@hotmail.com

Resumo: O referido artigo apresenta um estudo qualitativo o qual abordará como são estabelecidas as relações de afetividade entre alunos dos anos iniciais e seus professores. A abordagem qualitativa foi realizada em uma instituição de ensino pública no município de Água Nova - RN, para coleta dos dados usamos instrumentos de pesquisa como a elaboração e aplicação de um questionário, destinado aos professores, referente ao tema pesquisado, observações do contexto educacional de uma turma de primeiro ano de uma escola da rede municipal de ensino. Após análise dos dados e observações, comparamos os resultados advindos através dos instrumentos utilizados com discussões teóricas sobre a afetividade, com foco na concepção walloniana. Tal concepção enfatiza que a afetividade é um dos fatores condicionantes importantes para o processo de ensino – aprendizagem, realçando ainda mais a influência que o educador tem ao longo da vida estudantil do aluno levando em conta que esse papel de agente formador se intensifica, ao focar-se a afetividade como fator crucial na relação professor/aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Aprendizagem, Professor, Aluno.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de um trabalho investigativo como requisito avaliativo do componente curricular Práticas Pedagógicas Programadas - PPPs, do Curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Para elaborá-lo, realizamos uma pesquisa de campo na qual aplicamos um questionário a dois professores que lecionam nos anos iniciais, em que identificamos a materialização da discussão walloniana no que diz respeito à afetividade como um fator condicionador para a aprendizagem do aluno, em que o professor ocupa um papel de grande interferência e influência em todo o processo de aprendizagem de seus alunos.

A pesquisa de campo ocorreu durante uma semana de aulas, no período de 09 (nove) a 13 (treze) do mês de maio de 2016 (dois mil e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dezesseis), em uma turma de dezessete alunos, do 1º ano do ensino fundamental, em que foram realizadas observações da relação entre professores e alunos na referida turma. Ao observarmos os alunos dos anos iniciais na escola deparamo-nos com a materialização do que diz Wallon no que se refere ao afeto que, na relação professor-aluno movimenta todo o conhecimento do discente, além de ajudá-lo em seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Os alunos observados na pesquisa contam com duas professoras: uma permanente e outra rotativa. Isto é, uma professora apenas para lecionar nas segundas-feiras e outra, para os demais dias da semana. O que fica evidente é que há, para cada professora, não uma, mas duas turmas, pois o comportamento de cada criança se modifica de forma bastante clara como se na verdade, nem fossem mais as mesmas crianças do dia anterior.

Com a pesquisa percebemos que cada professora trabalha a afetividade de uma forma peculiar, o que resultaria na mudança de comportamento dos alunos, percebemos ainda que cada uma delas analisa e faz uma compreensão das emoções de seus alunos de um modo que lhes é próprio.

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

Em nossa pesquisa tivemos como um de nossos objetivos compreender como são/estão estabelecidas as relações afetivas em sala de aula, envolvendo agentes como professor e alunos.

Assim como Wallon (1995) afirma que o professor é um ser dotado de emoções, características e sentimentos com os quais pode, e em muitos dos casos, influencia seus alunos, percebemos em sala de aula que para cada professora os alunos manifestam um comportamento diferenciado. Abaixo, o pensamento waloniano expresso por outros autores que reforçam o que acabamos de enfatizar, baseados na concepção waloniana:

[...] o professor é também possuidor de afetos, medos, inseguranças, alegrias, desejos, tranquilidade, apreço por conhecer, por transformar-se, sendo que as características podem contagiar os alunos (contágio de emoção). Desse modo, ele é vislumbrado como uma pessoa completa, com cognição, afeto, e em constante transformação. É o mediador da cultura e das aptidões proporcionadas por ela e, ao mesmo tempo, indispensável para o desenvolvimento do aluno. (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p.110).

O afeto é indispensável para o desenvolvimento do aluno, este poderá existir através do relacionamento entre discente e docente e é algo de extrema importância não apenas na vida estudantil de cada aluno, mas no seu



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desenvolvimento como um todo, pois nesta relação desenvolvem capacidades cognitivas, motoras e afetivas, como afirma Wallon (1995).

Observamos ainda, em sala de aula, que as crianças se relacionam de forma diferente quando trocam de professora e mencionaram, inclusive, durante conversas informais, que preferem a professora “x” por esta ser mais carinhosa. Neste caso, fica incontestável a tese de Wallon que defende que a afetividade, ou o afeto que surge entre aluno e professor pode influenciar na aproximação da criança com o adulto e conseqüentemente, facilitar o processo de aprendizagem.

Tratando-se da afetividade, ficou evidente durante as observações que esta é presente na sala e de certa forma, na escola observada, durante momentos como o intervalo. As professoras, embora uma apresente melhor desenvoltura oral, juntamente com a direção, fazem significativas discussões sobre os temas trabalhados em sala de aula, pois sabem que algumas de suas crianças convivem em contextos familiares difíceis e que em alguns casos, não recebem nenhum tipo de afeto por parte da família, o que só aumenta a responsabilidade da escola, pois a mesma acaba sendo a única fonte de afeto que algumas das crianças dispõem.

Ou seja, as educadoras - rotativa e efetiva, entendem que quando se trata de uma análise sobre o aluno é importante considerar todos os possíveis motivos exógenos, ou não, que venham a exercer uma força influenciadora sobre o educando e que serão refletidos em algum comportamento ou sentimento, em sala de aula. Na verdade, essa compreensão ficou mais clara na fala de uma das educadoras quando por vezes citou, em resposta ao questionário aplicado, a necessidade de respeito aos contextos sociais e familiares das crianças que frequentam a sala de aula. Compreensão esta que Wallon (1995) aborda ao falar que não se pode compreender qualquer aluno que seja sem que exista uma análise e consideração dos contextos nos quais estão inseridos. Outros autores também expressam pensamento convergente, ao defenderem:

[...] o indivíduo constitui-se nas suas interações com o meio; daí a necessidade de estudar os comportamentos, as dificuldades dos alunos de maneira contextualizada, ou seja, no conjunto de relações estabelecidas entre ele e o ambiente [...]. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.109).

Toda essa questão da compreensão do aluno em suas interações é de fato algo essencial para uma aproximação entre educador e educando, como até mesmo para que haja um melhor relacionamento e uma melhor aprendizagem. Podemos citar, por exemplo, a situação de um aluno da referida sala. A professora nos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

comunicou algumas dificuldades familiares que este aluno enfrenta e fica nítida a ausência de um afeto maior na família. Sabendo desta situação, a docente aproxima-se da criança com certo cuidado e com todo o carinho possível, algo que, sem dúvidas, é importante ressaltarmos. Gratiot-Alfandéry (2010) já reforça esse conhecimento sobre as peculiaridades da criança:

Outro fator a ser considerado quando se quer conhecer o aluno e o professor é a necessidade de colocar-se em seus lugares, voltar-se para seus anseios e dificuldades, possibilidades, limites, que ficam mais claros quando nos alicerçamos em suas diferentes fases de desenvolvimento. (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p. 109).

Em relação a esse assunto, uma das professoras deixa explícita em sua fala que não desenvolve um melhor trabalho em sala de aula por falta de uma aproximação maior com a turma por não permanecer durante toda a semana com os alunos. A mesma ao falar de planejamento e execução de atividades diz que como a sala é “dos outros,” ou seja, não está cotidianamente com a turma, essa aproximação é dificultada. A mesma apresenta uma maior dificuldade em sala de aula no que se refere à organização e controle. Embora sendo aceita pelos alunos, fica evidente que a professora efetiva, por conviver mais com a turma, sente maior facilidade nesse aspecto.

Em diálogo com algumas das dezessete crianças em sala, analisamos que quando essas optavam pela professora “A” ou “B,” o motivo dificilmente era divergente. Sempre justificavam com motivos relacionados ao afeto, a aproximação e ao melhor contato entre eles e a professora. Gratiot-Alfandéry (2010), a esse respeito, enfoca:

O papel da escola não se limita à instrução, mas envolve o desenvolvimento da personalidade como um todo, o que exige que se questione até que ponto as atividades propostas por ela colaboram para esse desenvolvimento. (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p.112).

Isto é, a escola, assim como o relacionamento professor-aluno, manifesta grande influência sobre a personalidade e sobre o desenvolvimento geral do aluno. Neste caso, pensar em atividades que trabalhem isso é fundamental, assim como também entender a afetividade como sendo de grande importância na vida escolar da criança.

Para Wallon (1995), existem diversas formas de se trabalhar a afetividade em sala de aula. Uma delas são as atividades em grupo. Essas atividades incentivam a construção de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

laços afetivos entre os alunos e entre alunos e educador, permitindo também um alto reconhecimento e uma aproximação das diferenças em classe. Baseados na concepção waloniana, Gratiot-Alfandéry (2010), explica:

As atividades em grupo, além dos momentos de intimidade do aluno (ficar sozinho) são primordiais, com a possibilidade do exercício de diferentes papéis, daí a necessidade de o professor formar grupos dirigidos e espontâneos, desenvolvendo a solidariedade e a cooperação, considerando o ser humano (aluno, professor) numa perspectiva integrada [...]. (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p. 111).

Na referida sala observamos que as educadoras buscam a construção desses laços afetivos utilizando-se de leituras compartilhadas, compartilhamento de ideias/opiniões, atividades na lousa, nas quais os alunos ajudam-se as complementam. Por meio de atividades como estas, mesmo que, às vezes, involuntariamente, as professoras permitam-se uma aproximação com os alunos e simultaneamente, trabalham a afetividade entre eles.

Mas o que seria a afetividade? A afetividade de uma forma sucinta é a junção entre sentimento, emoção e comunicação.

[...] A afetividade refere-se a um conceito mais amplo, que engloba a emoção (componente orgânico e motor-posturas que indicam o nível de tensão e relaxamento, corporal, plástico), sentimentos (componente cognitivo e representacional) e a comunicação (componente expressivo). (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p. 110).

É importante que o professor tenha bem definido em mente este conceito, pois para Wallon na relação professor-aluno existe tanto a afetividade quanto a emoção. “A emoção tem o papel de dar ‘pistas’ sobre o aluno.” (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 110). Infelizmente, não notamos uma concepção clara acerca do termo afetividade por parte de uma das professoras em sua resposta escrita ao questionário que utilizamos, embora na prática a mesma saiba trabalhá-la.

Nestes casos, em ausência de um conceito bem elaborado sobre a afetividade, ou uma forma precária de abordagem em sala de aula, sérios problemas podem ser ocasionados.

Afetividade e inteligência caminhando juntas podem levar a situações de dificuldade na aprendizagem escolar, comprometimentos afetivos que podem estar perturbando o funcionamento cognitivo, exigindo assim, que o afetivo seja trabalhado, numa oportunidade à sua expressão. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 104).



Quando não há um bom entendimento por parte do corpo estudantil da escola ou ainda, quando nesta não há maior clareza sobre os laços afetivos, problemas podem surgir, tais quais: crianças que estabelecem um forte laço afetivo com determinado professor e quando este precisa romper as relações afetivas não sabem como lidar com determinada situação. Situação essa, que por vezes, passa a ser alimentada pela família e até mesmo, por professores despreparados.

No que diz respeito ao afeto que surge por intermédio desse relacionamento docente-discente, o autor supracitado pede para que os docentes tomem certo cuidado para que posturas autoritárias sejam desconsideradas nessa relação, uma vez que as mesmas dificultam a aproximação do aluno e criam conflitos desnecessários em sala de aula. Para ele, o afeto ou o carinho, torna-se a melhor ponte de ligação entre o profissional e seu aprendiz, além de facilitar e melhorar o relacionamento entre os mesmos.

Mais uma vez, em consenso com os ideais wallonianos, não detectamos na classe observada estas posturas autoritárias. Pelo contrário, é nítida a boa convivência entre alunos e professoras, sobretudo com a efetiva, estas demonstram-se carinhosas e atenciosas às crianças e seus problemas exógenos à sala. A única forma de “punição” encontrada foi a privação ao intervalo - não foi efetivada, apenas como possibilidade oralmente focada por parte da professora, caso o aluno não se comportasse.

É importante constar que a turma em análise é uma das duas turmas do 1ª ano do ensino fundamental na instituição e, não por coincidência, destacada como melhor turma entre as duas existentes, por parte da equipe gestora, em termos de rendimentos e relacionamentos. Percebamos nessa constatação, que o fato de alunos e professoras relacionarem-se bem e manterem um afeto, poderá contribuir significativamente para um melhor desempenho, questão que iremos investigar na PPP II, a ser cursada no período posterior do curso o qual frequentamos.

De acordo com Gratiot-Alfandéry “As dimensões afetiva e cognitiva não se separam, mas constituem-se mutuamente, presentes nas diferentes atividades desenvolvidas. [...]” (2010, p. 104), claro que não estamos, a partir desse estudo, afirmando nenhuma hipótese sobre a outra turma, haja vista que não a analisamos minuciosamente.

EMOÇÕES: A BÚSSOLA DO PROFESSOR



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na concepção waloniana, segundo Gratiot-Alfandéry (2010), as emoções do aluno servem de bússola para o professor, pois estas dizem muito sobre o discente, mesmo que de forma implícita, conforme abaixo apresentado:

A emoção tem o papel de dar 'pistas' sobre o aluno. As expressões de seu corpo, suas ações, sua fala, sua postura revelam seu posicionamento diante das exigências colocadas pelo professor, pela rotina escolar; podendo o aluno demonstrar que está com medo, feliz, satisfeito, com raiva, tranquilo, preocupado etc.; são conhecidos, com isso, seus estados mais íntimo-afetivos. (GRATIOT-ALFANDÉRY 2010, p.110).

Na turma observada notamos que as emoções dos alunos são extremamente presentes nas análises pedagógicas dos educadores. Ficou claro que as professoras entendem que o comportamento de seus discentes, suas emoções, suas personalidades tem muito a falar sobre os mesmos e refletem seus contextos sociais, econômicos e, sobretudo, familiares.

Deste modo, é muito difícil observar a criança sem lhe emprestar alguma coisa dos nossos sentimentos ou das nossas intenções. Um movimento não é um movimento, mas aquilo que ele nos parece exprimir. E, ao menos que estejamos muito habituados a agir em contrário, é o significado suposto que registamos, deixando mais ou menos de indicar o próprio gesto. (COLIN, ARMAND 1995, p.36).

Pode-se notar que a escola demonstra certa preocupação quanto às emoções dos alunos e os problemas que os cercam, tendo em vista que foi citado, através do questionário, a existência de reuniões entre o corpo docente escolar e os pais da referente turma objetivando discussões sobre assuntos como a afetividade.

Em todos os seus estudos voltados para a criança Wallon ressalta a importância das emoções para o desenvolvimento da mesma, segundo o autor as emoções são meios de comunicação da criança nos seus primeiros anos de vida, pois a linguagem oral ainda não foi bem desenvolvida, por isso que as emoções expressadas são fundamentais para a interação do indivíduo com o meio.

Atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação. (GALVÃO, 1995, p. 64).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cada criança tem uma maneira distinta de expressar suas emoções, sejam elas com birras, choros, caras feias, comportamentos agressivos, ou expressões que demonstrem algum tipo de afeto, por isso a necessidade que o professor se volte, cada vez mais, para o estudo dessas emoções para a melhor compreensão da esfera a qual seu aluno está inserido.

A fenomenologia tem se apresentado, no decorrer dos anos, como necessária à compreensão do aluno como ser único de afetos peculiares e formas próprias de estabelecer relações com o meio e com os outros.

A marca fenomenológica e existencialista na pedagogia contemporânea encontra-se, portanto, nas questões antropológicas decorrentes da concepção de que cada pessoa é única, deve se fazer a si mesma em comunicação com as outras, com as quais estabelece a intersubjetividade. (ARANHA, 2006, p.260).

Em outras palavras, a fenomenologia traz consigo a importância de uma compreensão das emoções de cada aluno e de sua forma peculiar em estabelecer relações com as coisas, o outro e o mundo. Estas e outras contribuições do método fenomenológico revolucionaram a pedagogia, assim como também, as práticas pedagógicas e todo o campo educacional.

Segundo Wallon (1995), em sua teoria psicogenética o indivíduo é um ser corpóreo, concreto, que deve ser visto como tal, ou seja, seus domínios cognitivos, afetivos e motor, fazem parte de um todo à própria pessoa. Dessa forma, a criança não pode ser percebida de forma fragmentada. Isto é, Wallon não vê a criança apenas com um olhar, mas a compreende considerando o contexto em que a mesma está inserida. Tendo em vista outros meios que permitem entender o comportamento do indivíduo, Wallon visa a interação do indivíduo no meio social, apontando que esta interatividade traz grandes benefícios em relação à aprendizagem.

Tendo em vista a importância da emoção para o aprendizado e o desenvolvimento da criança em sala de aula, é necessário que o professor entenda que, embora emoção e afetividade estejam ligadas, cada uma tem a sua distinção. Segundo Wallon (1995), a afetividade é um conceito mais abrangente onde se inserem várias manifestações, já a emoção possui características específicas como as que foram citadas a cima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o conteúdo exposto e os dados coletados em nosso estudo, fica explícito que, assim como Wallon a define, a afetividade é um importante elo de ligação entre professor e aluno. Por meio da relação professor-aluno ambos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

passam por processos de desenvolvimento, em que ressaltamos ainda que, por meio desse relacionamento, laços afetivos podem e são construídos em meio à condição de aprendentes em que professores e alunos se encontram em sala de aula.

O estudo permitiu-nos ainda obtermos uma compreensão de que todas as demais relações afetivas construídas no âmbito escolar serão compreendidas com base na relação do educador com o educando, ou vice e versa. Assim como, também possibilitou-nos entender que as relações estabelecidas no ambiente escolar, de forma geral, manifestam uma forte influência sobre o desenvolvimento estudantil de cada indivíduo.

Quando comparadas, as ideias de Wallon mostram-se coerentes com a realidade que conhecemos com o estudo aqui apresentado, analisamos que as emoções de cada criança devem, sobretudo, ser consideradas, haja vista que refletem a personalidade de quem as expressa ou até mesmo, um possível problema. Problema este que deve ser detectado pelo docente, quando este mantém um bom relacionamento com seu educando. Entendemos com isto o quão relevante torna-se o afeto nesta relação e em todas as relações estabelecidas no meio escolar.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia A. **História da Educação e da pedagogia-geral e do Brasil**, 3.ed. São Paulo: Moderno, 2006.

GALVÃO, Izabel: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**/ Izabel Galvão. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. – (Educação e conhecimento)

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. O projeto de reforma do ensino Langevin-Wallon e a psicologia escolar. In: **Henri Wallon**. Massangana, 2010.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.